

**O Corta-braço:**  
uma análise geográfica de uma obra literária

Jânio Roque Barros de Castro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PINHEIRO, DJF., and SILVA, MA., orgs. *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p. ISBN 85-232-0339-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# O Corta-braço: uma análise geográfica de uma obra literária

*Jânio Roque Barros de Castro*<sup>1</sup>

## Aspectos gerais do autor e da obra

Ariovaldo Matos era um jovem jornalista, integrante do jornal *O Momento*, quando chegou ao Corta-braço, na segunda metade dos anos 40, época em que aquela invasão começava a se formar, nos limites do Bairro da Liberdade, onde hoje é a Vila Nova Pero Vaz. Depois de vivenciar toda formação e consolidação daquela invasão, o repórter e ficcionista principiante transformou o que vira e vivera em romance, que foi concluído entre 1951 e 1952 e publicado em 1955.

Mesclando personagens imaginados com pessoas que realmente existiram, o autor escreve um romance que retrata, a partir do povo, toda a luta pela posse da terra e do teto na Bahia dos anos 40.

O romance expressa a luta de um povo muito pobre para construir e manter suas casinhas numa área de terra invadida. As terras pertenciam a um italiano chamado Montecano, também proprietário de cubí-

culos e casebres alugados à população miserável, a qual a duras penas, pagava aluguel ao cobrador oficial Dórea, pessoa de confiança do italiano. Do lado do povo, estava o Partido Comunista da época, que, através de seus representantes, chegou a contratar advogados para defender os moradores, uma vez que o proprietário reivindicara a reintegração de posse.

Em meio às mazelas sociais de uma época – concentração de renda e de terras, muita miséria, numa atmosfera social extremamente complexa, onde uns buscam seu pedacinho de terra e sua casinha por conta da necessidade imperiosa de um mínimo de dignidade, e outros procuraram manter o *status quo*, assentados na desigualdade – formase o Corta-braço. O social, o ideológico, o sentimental, o psicológico, o econômico e o político mesclam-se nesse romance, sobre o qual se pretende trabalhar numa perspectiva geográfica.

### **A cidade do Salvador na Literatura: drama real e ficção na formação do Corta-braço, na segunda metade dos anos 40**

Ariovaldo Matos inicia a obra *Corta-braço* relatando aspectos do contrastante cotidiano do Beco do Vinagre, uma das vielas pobres de Salvador dos anos 40. Um barulhento jogo de futebol envolve garotos do bairro, talvez sua única forma de diversão, contrapondo-se ao silêncio, por conta da morte de uma moradora: Dona Cleodice. Aliás, o sofrimento, para aquelas pessoas, era uma coisa que já fazia parte de suas vidas. Dias após a morte de Dona Cleodice, ocorre um despejo, provocado provavelmente pela falta de pagamento do aluguel de casebres miseráveis.

Nesse trecho da obra, nota-se claramente a concentração da terra e dos imóveis urbanos por parte do italiano, proprietário daquelas terras.

Em outro trecho da obra, Ariolvado Matos faz menção aos saveiros e à Feira de Água de Meninos:

Futuca transferiu o olhar das pernas atarracadas para os mastros dos saveiros que repousavam na enseada, em torno da qual, quase em círculo perfeito, estendiam-se milhares e milhares de tijolos empilhados em feixes de caibros. Tendias e barracas da Feira de Água de Meninos. (MATOS, 1988: 23)

Sobre o papel dos saveiros que abasteciam a Feira de Água de Meninos, Santos, discutindo a função portuária de Salvador, escreveu que:

... Ao lado da extensão de cais, construída especialmente para os grandes navios, há as “rampas”, onde podem abordar os saveiros. São duas: a “Rampa do Mercado”, logo ao lado da Praça Cairu, e a da Água de Meninos, no final da Av. Frederico Pontes, ambas, muito pitorescas e ricas de cor local. Recebem uma multiplicidade de produtos agrícolas: farinha, frutas, legumes. Assim como o “grande porto” acarretou a instalação do grande comércio nas proximidades, o outro provocou o aparecimento de feiras ao ar livre, espécie de “feira grossista”, onde vêm se abastecer os comerciantes de outras feiras, os proprietários de armazéns, vendas e barracas, os restaurantes e hotéis, vendedores ambulantes e donas de casa previdentes. (Santos, 1959: 73)

É importante salientar que esses saveiros traziam produtos principalmente do Recôncavo baiano, como o carvão vegetal, que era muito vendido nessa época e hoje pouco se vende. Praticamente desapareceram os ancoradouros da capital baiana, assim como a Feira de Água de Meninos, atingida por um grande incêndio que chegou a vitimar fatalmente alguns feirantes e causar grandes prejuízos materiais.

Tanto a discussão acerca dos motivos que determinaram a quase extinção do transporte flúvio-marítimo de produtos do Recôncavo com saveiros, quanto o fim da tradicional Feira de Água de Meninos – lembrada tanto por Matos, no seu romance-reportagem, como por Santos, alguns anos depois, no seu trabalho de Doutorado – são de grande importância para a compreensão das rupturas e permanências tanto espaciais quanto funcionais em Salvador.

Matos relembra um cruzamento de dois meios de transportes que não mais se verá no espaço urbano sotero-politano: os ônibus e os bondes, que se deslocavam da movimentada feira para a Península Itapagipana e para o comércio. Para as pessoas que viveram naquela época, talvez tão nostálgica quanto os bondes sejam as festas dos ternos, ranchos, festa de Reis e serenatas que aparecem no romance e que perderam o espaço para a Salvador dos grandes circuitos carnavalescos. O espaço atual do carnaval baiano estende-se do Pelourinho até Ondina, diferentemente da época que o romance retrata, um carnaval de fantasias e máscaras no Corredor da Vitória e na Ladeira de São Bento.

Ariovaldo Matos analisa o enriquecimento de fazendeiros e usineiros no interior do Estado e associa esse fato ao crescimento de bairros considerados nobres de Salvador:

Os anos passaram. As pensões dos moços ricos, vitoriosas as lutas pela abolição e pela República, foram desaparecendo. Seus pais, que mais ricos ficavam com o progresso das usinas de açúcar, o desbravamento das fazendas de cacau, a ampliação do porto onde navios estrangeiros carregavam e descarregavam, aderiram à moda dos bangalôs e palacetes disseminados pela cidade, modificando-lhe a fisionomia... (MATOS, 1988: 25)

As casas nobres de bairros como Graça e Barra contrastavam com os casebres miseráveis das áreas pobres ou com os cortiços do centro da cidade. Essas áreas pobres – que Matos caracteriza como pardieiros no romance e Santos, alguns anos depois, chamará de áreas de degradação social – serão vistas de duas formas pelos jovens intelectuais, filhos da elite do interior, que vêm construir palacetes na capital: com críticas a essa situação, a ponto de alguns desses jovens de classe média, ou até mesmo da classe alta, engajarem-se em grupos comunistas, ou mesmo com desdém, por parte daqueles cujos objetivos eram tão somente a manutenção do *status* da família. Além de palacetes, construíram-se sobrados chamados de bangalôs.

Em outra passagem, aparecem os meninos de rua, que dormiam na Praça Cairu e em São Joaquim (o que ainda se nota com frequência). Longe do beco, Mário acompanhava um jornalista que realizava reportagens sobre menores abandonados. Em poucas horas, encontraram centenas, dormindo sobre o chão molhado dos vetustos edifícios da Praça Cairu ou sobre as areias úmidas da praia de São Joaquim. .. (Matos, 1988:37)

Problemas como esses indignavam o comunista convicto Mário, que fazia críticas ao capitalismo, à influencia dos Estados Unidos no Brasil e ao significado de democracia que, segundo ele, consistia em deixar o rico cada vez mais rico e o pobre cada vez mais pobre.

Além do engajamento político de alguns dos personagens, nota-se, nessa obra, o envolvimento dos personagens com hábitos que cada vez mais desaparecem dos grandes centros urbanos, como dormir embaixo de árvores ou ir ao tradicional cinema.

Os problemas sociais descritos no romance, que provocam tanta tristeza, depressão e revolta, persistem até os dias de hoje. A falta de habitação é um dos principais impasses, notadamente nos países periféricos. Além da falta de teto, a miséria urbana acompanha os personagens e os mantém praticamente presos aos bairros pobres da metrópole baiana. Nota-se que os bairros citados anteriormente situam-se no núcleo pobre de Salvador: Liberdade, Curuzu, Largo do Tanque. Aliás, como será analisado mais à frente, a segregação espacial imposta pela renda é uma tônica da trama em questão, uma vez que os pobres pouco saem dos bairros pobres, por força de um obstáculo muito forte: a renda. O professor Milton Santos deixa claro que “o espaço é a morada do homem e também pode ser a sua prisão.” Em outra obra, Santos escreve que:

Na grande cidade, há cidadãos de diversas ordens ou classes, desde o que, farto de recursos, pode utilizar a metrópole toda, até o que, por falta de meios, somente a utiliza parcialmente, como se fosse uma pequena cidade, uma cidade local.

A rede urbana, o sistema de cidades, também tem significados diversos segundo a posição financeira do indivíduo. Há, num extremo, os que podem utilizar todos os recursos aí presentes, seja porque são atingidos pelos fluxos em que, tornado mercadoria, o trabalho dos outros se transforma, seja porque eles próprios, tornados fluxos, podem sair à busca daqueles bens e serviços que desejam adquirir. Na outra extremidade, há os que nem podem levar ao mercado o que produzem, que desconhecem o destino que vai ter o resultado do seu próprio trabalho, os que, pobres de recursos, são prisioneiros do lugar, isto é, dos preços e das carências locais. Para estes, a rede urbana é uma realidade onírica, pertencente ao domínio do sonho insatisfeito, embora também seja uma realidade objetiva. (Santos, 1987: 112)

É o ambiente da década de 40, época que Salvador, em relação à sua área de influência longínqua e imediata (Recôncavo), já se constituía-se num grande centro urbano. No entanto, a pobreza extrema, como aponta Santos, fazia a cidadania inexistente. Uma passagem da obra explicita a revolta de um dos personagens:

O patrão é que se enche. Ele sim. Nós só temos o direito de chorar. O patrão é que pode sorrir. Assim foi com meu pai. Assim esta sendo comigo. Os anos vão se passando e eles cada vez mais ricos. E nós? Nós cada vez mais pobres. (Matos, 1988: 54)

No que concerne à moradia, Matos (1988: 60) faz menção a casas de sapapo. Esses casebres miseráveis, onde moravam pessoas e barbeiros, faziam parte da paisagem urbana da Salvador nos anos 40 e ainda aparecem mesmo que pontualmente, nos dias de hoje. A diminuição dos casebres de taipa, nas áreas pobres soteropolitanas, não se deu por conta de reformas sociais, uma vez que as casas de bloco ou madeira da atualidade, que predominam em encostas e morros da cidade do Salvador, são ocupadas por pessoas pobres, subempregadas e subalimentadas, com baixos níveis de escolaridade. Se não há mudanças sociais, a tendência dessa situação de exclusão social é se manter, ou até piorar, uma vez que o filhos da miséria, poderão estar predestinados

a essa mesma miséria urbana, como consta no trecho citado, que explicita a revolta de um dos personagens, cuja miséria atingira seu pai também. Chico Buarque de Holanda confirma isso, em “Pedro Pedreiro”:

Pedro Pedreiro, Penseiro  
Esperando o trem  
E a mulher de Pedro  
Esperando um filho  
Pra esperar também.

Fica claro, portanto, que os descendentes dos moradores dos “pardieiros urbanos”, termo muito usado por Matos, da década de 40, retratada no romance, devem continuar enfrentando essas dificuldades, que se mantêm no tempo.

Do outro lado da hierarquia social, Montecano, o italiano proprietário das terras de Corta-braço e de vários quartinhos e casebres, além do temor do comunismo, convivia com as lembranças da terra natal. Apesar dos vários anos no Brasil, o Italiano apresenta um sentimento topofílico, um apego ao lugar, não por conta de patriotismo, mas por desejos subjetivos de satisfação pessoal.

Sobre Montecano, o autor escreve:

Em 1934, fez-se dono de duas vilas de casinhas proletárias, e, também, do Beco do Vinagre. Além dos aluguéis sempre certos, as terras do Beco ganhavam rápida valorização, sobretudo porque, nas proximidades, construíram-se os boulevards Suíço e América, com centenas de bangalôs... (Matos, 1988: 68)

Contrapondo-se à ganância especulativa do italiano, um grupo de pessoas, provavelmente de bairros pobres de Salvador, como do Curuzu, que era mais próximo, e de outros mais distantes daquele local, como Brotas, iniciava uma invasão no Corta-braço. Na madrugada mesmo, iniciou-se a demarcação de áreas para as casinhas. Nesse grupo, estavam sem-tetos que dormiam na



praça Cairu e em praias, naquela época consideradas afastadas, como Itapuã e Chega Negro. Quanto aos boulevards Suíço e América, pode-se dizer eles representam a influência dos traços urbanos franceses em Salvador, apesar de esses boulevards a que o romance se refere serem bem diferentes dos parisienses. A passagem da obra a seguir destaca o início da invasão.

Florimundo abriu a porta. Dezenas de pessoas envolveram-no. A maioria procedia de uma casa coletiva do Curuzu, escuro e severo pardieiro, velho de século, explorado por um árabe – Abutaribe – que ocupava, no último andar, três quartos, onde preparava os quibes por ele fornecidos a bares e restaurantes. (Matos, 1988: 77)

Trata-se do sonho da casa própria de muitos e da opulência econômica de poucos, como do italiano Montecano e do árabe Abutaribe, esse último dono de uma casa grande, habitada por várias famílias, que se convencionou chamar atualmente de cortiços. Sobre isso, Santos escreve que:

As atividades que não têm força para criar um quadro alojam-se em um quadro preexistente. Assim, os palacetes e sobradões envelhecidos, que perderam seu antigo papel de residência dos nobres e da gente rica, conhecem agora outras utilizações. Alguns servem exclusivamente à residência pobre... (1959: 158)

Mais adiante, o mesmo autor analisa o espaço urbano soteropolitano no qual o contraste entre os arranha-céus modernos e os tradicionais sobrados é bastante expressivo:

Essa luta entre o arranha-céu que tem necessidade de se levantar e o sobrado que não quer desaparecer não exprime apenas o conflito entre a especulação imobiliária e a herança do passado. Representa igualmente um imperativo do crescimento urbano de expansão dos negócios e da vida de relações, cujo espaço não poderá se alargar demasiadamente, sob pena de tornar-se impraticável.

Das marchas e contramarchas dessa luta entre o arranha-céu e o sobrado, nasceram os cortiços... (Santos, 1959: 182)

Nesse caso, os sobrados já perderam as suas antigas funções e se constituem em áreas caracterizadas por Santos como de degradação social, como foi salientado antes. É importante destacar que o Centro Histórico de Salvador sofreu um processo de depreciação, oriundo de sucessivas mudanças de funções (Silva, 1999: 260).

E, assim, o complexo tecido social urbano de Salvador se apresentava, oscilando entre a ganância de uma minoria em busca de mais poder, espaço, status, dinheiro, e a luta pela sobrevivência com um mínimo de dignidade da imensa maioria. Essa dualidade social é uma constante em todo o transcurso da trama. Uns produziam toneladas de lixo, outros disputavam os restos. Atente-se para esta passagem:

No lixo vinham colchões, utensílios domésticos, pedaços de vidros, ossos... Os caminhões que percorriam os bairros ricos e a Rua Chile – em virtude dos apetitosos restos – eram ansiosamente aguardados todas as manhãs. (Matos, 1988: 96)

O caminhão do lixo ainda percorre o centro da capital baiana, como naquela época, passando por bairros ricos, áreas nobres como a Barra e a Graça, nelas talvez despercebido; no entanto, seu atraso, ou sua não chegada nas áreas miseráveis, significava o desespero para aquelas pessoas que o aguardavam ansiosamente para catar os restos da elite baiana e matar a fome.

O subúrbio soteropolitano, atualmente, tem o seu comércio abastecido por caminhões, uma vez que a linha férrea só transporta passageiros. Na década de 40, entretanto, os saveiros transportavam produtos do Recôncavo e de outras regiões do Estado para estabelecimentos comerciais dessa vertente da capital baiana. Havia transporte não só de carga como de passageiros. Essas cenas, sepultadas pela imposição do automobilismo, ainda estão presentes na memória dos moradores mais antigos.

Um aspecto importante a se destacar na trama é a segregação espacial explícita. Os personagens que vivem nos bairros pobres já mencionados anteriormente, como Liberdade, Curuzu, áreas suburbanas, Alto do Peru, Corta-braço, entre outros, praticamente vivem presos a esses locais de morada e de lá só saem excepcionalmente, como para ir ao trabalho no centro, ou resolver algo da burocracia cotidiana. São “prisioneiros do lugar”, como bem pontua o professor Milton Santos. No entanto, os moradores da invasão do Corta-braço, temendo a reintegração de posse que o italiano, dono daquelas terras, estava empreendendo na Justiça, foram para o centro, organizaram uma procissão religiosa para a Igreja do Senhor do Bonfim. Nessa procissão, de um lado estava latente a forte religiosidade daquela gente humilde, que deseja apenas direito a uma casinha e a um pedaço de terra, e, do outro, os líderes comunistas, ateus convictos que, sob os ideais marxistas, enxergavam aquele movimento com olhos ideológicos e não religiosos, ou seja, como um embrião de reação do popular contra a opressão dos grandes grupos econômicos. Diferentemente do que ocorrera na China, onde a revolução foi mais camponesa, os jovens comunistas encaravam a questão do Corta-braço como um momento da revolução urbana, a partir de uma grande cidade brasileira: Salvador.

Sobre essa procissão, que virou passeata, o autor escreve:

A multidão chegava no início da Rua Chile. Maneca correu, abandonando o jovem, colocando-se na vanguarda, empunhando a bandeira. O trânsito foi interrompido. Buzinas de carros e ônibus tonitroavam intensamente, num protesto de sons misturados. Transeuntes e habituês da rua elegante, tomados de surpresa, trocavam perguntas. (Matos, 1988: 153)

A passeata fez com que parte dos pobres de Salvador saíssem dos pardieiros, para usar um termo do autor, para tomar as ruas importantes do centro, como a Rua Chile, provocando um certo estranhamento para a elite e para os políticos, uma vez que

o povo estava quebrando o protocolo capitalista e saindo da sarjeta social que este mesmo capitalismo excludente lhe impusera. A cidade, nesse momento, para quem estava na passeata, aparece como campo de luta, de busca da cidadania, ou mesmo como “lugar revolucionário”, para lembrar o mestre Milton Santos, no livro *Metamorfoses do espaço habitado*, ao se referir à cidade como palco da luta pelo desmantelo do sistema feudal.

Na obra *Corta-braço* aparece, portanto, uma Salvador que persiste e outra que mudou. Essa última, ou seja, a que deixou de existir, é aquela dos saveiros, das roças da Federação que aparecem na obra, da Fazenda Garcia, de onde vem um dos personagens da trama, o líder comunista Maneca, e ainda dos bondes, entre outras formas e funções que desapareceram no tempo, algumas por contingências endógenas, outras por imposição exógena, como a do automóvel, para atender a interesses da indústria automobilística e do imperialismo tão criticado pelos comunistas no romance. Já a Salvador que continua, a que persiste, é a cidade das grandes desigualdades sociais, da segregação espacial, da fome, da exclusão, dos badameiros que esperam o carro do lixo, das invasões, do capitalismo excludente, das casas de taipa, dos meninos de rua dormindo na Praça Cairu, dos cortiços, da omissão dos políticos que se comprometem com grandes grupos econômicos. No entanto, existe a Salvador que, da década de 40 para cá, ainda persiste, representada por coisas boas, como a grande diversidade cultural, e algumas heranças históricas, como a feira do Japão, na Liberdade, citada na obra, e que é uma tradição de décadas, dentre outras coisas.

Enquanto o italiano e especulador imobiliário Montecano dançava e se divertia com sua filha no Clube Baiano de Tênis, os pobres do *Corta-braço*, dormiam mal e pensavam sem entusiasmo no amanhã. Isso ainda persiste. É importante destacar, na obra *Corta-braço*, as coisas boas que ainda existem e são patrimônios do povo da Bahia. Recordar as coisas boas que se foram

e lutar por uma Salvador mais humana e mais justa, tal como fizeram os moradores do Corta-braço, atual Vila Nova do Pero Vaz, ou seja, ousar e usar a metrópole como um campo de luta para se construir um mundo melhor.

## NOTAS

<sup>1</sup>Mestre em Geografia pela UFBA.

## REFERÊNCIAS

MATOS, A. *Corta-braço*. 2 ed. Salvador: EGBA; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

SANTOS, M. *O centro da Cidade do Salvador: estudo da geografia urbana*. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

\_\_\_\_\_. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987. 142 p.

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988. 124 p.

SILVA, M. A. da. A evolução urbana do Centro Histórico de Salvador e a preservação da continuidade funcional do bairro de Santo Antônio além do Carmo. In: VASCONCELOS, P. A.; SILVA, S. B. de M. e S. (Orgs.). *Novos estudos de geografia urbana brasileira*. Salvador: EDUFBA, 1999. p. 259-271.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980. 288 p.